



## Arquipélago de São Pedro e São Paulo: 15 anos de Estação Científica

Distante 1.100 km da costa de Natal, RN, o Arquipélago de São Pedro e São Paulo (ASPSP), ao longe, não passa de um conjunto de rochas perdidas no meio do Oceano Atlântico.

Desprovido de qualquer tipo de vegetação de grande porte, praia, água doce e propenso a abalos sísmicos contantes, um questionamento passa a ser inevitável: Qual a sua real importância para o Brasil?

Um local singular. Um caso raro no planeta, onde há milhões de anos o magma se despreendeu do fundo marinho e deixou exposta uma rocha com mais de 4.000m de profundidade cravada na dorsal mesoatlântica.

Esse grupo de dez pequenas ilhas vem servindo de apoio, ininterruptamente, há quase 15 anos, para cientistas (1.300 passaram por lá, até o momento) desenvolverem pesquisas de excelência nas mais diversas áreas, como: geologia, geofísica, biologia, recursos pesqueiros, oceanografia, meteorologia e sismologia.

Refúgio de tubarões-baleia e martelo, lagostas, raias manta, tartarugas-gigantes, atuns e cavalas, entre outros, o ASPSP possui, em sua área, incontáveis riquezas,

como a esponja “Discodermia dissoluta” (que produz a discodermolida, substância de ação antitumoral) e a esponja “Timea secirm”, descoberta no ano passado, bem como possui considerável potencial mineral.

Além de tratar-se de um verdadeiro laboratório a céu aberto que vem contribuindo significativamente para a formação de centenas de alunos de graduação e pós-graduação, vinculados a universidades espalhadas por todo território nacional, o Arquipélago possui potencial para realização de atividade pesqueira sustentável, já que é rota migratória de peixes com alto valor comercial, como a albacora laje, uma espécie de atum.

Não obstante todos esses argumentos, o ASPSP proporciona ao Brasil o direito de consolidar uma extensa faixa marítima de exclusividade para exploração econômica dos recursos naturais vivos e não vivos, correspondente a uma área de aproximadamente 450 mil quilômetros quadrados ao seu redor, o que equivale a cerca de 13% de nossa Zona Econômica Exclusiva (ZEE). A realização de pesquisas e a consolidação dessa importante porção de ZEE requerem, entretanto, a habitação

permanente do local. Nesse sentido, em 25 de junho de 1998, foi inaugurada a Estação Científica do Arquipélago de São Pedro e São Paulo. Projetada especialmente para resistir às adversidades típicas da região, como abalos sísmicos, fortes ondas e relevo irregular, a Estação Científica vem, ao longo desses anos, servindo de apoio para realização de pesquisas, ao mesmo tempo em que desempenha o papel de sentinela do ainda desconhecido patrimônio que se esconde na imensidão do mar que nos pertence, denominada Amazônia Azul.

No momento em que a Estação Científica comemora quinze anos de ocupação contínua do ASPSP, a CIRM e demais parceiros envolvidos com o tema reiteram o compromisso de manter aquela remota região permanentemente habitada, o que, irrefutavelmente, reflete-se em oportunidades ímpares para o nosso País.

O ASPSP é o ponto do território nacional mais sujeito a ocorrência de abalos sísmicos. Para manter o acompanhamento contínuo desse fenômeno, a SECIRM, em parceria com o Departamento de Geofísica da UFRN, mantém uma Estação Sismológica no Arquipélago. Apesar da complexidade do equipamento e das dificuldades impostas pelas características da região, a coleta de dados tem sido processada normalmente. O último registro data de 3 de abril, ocasião em que o Arquipélago foi alvo de um tremor com magnitude de 4.9, com epicentro na cordilheira meso-oceânica.

